



Petrofertil: lucro sem perda de sua função estratégica

A AEPET está mostrando neste Boletim Extra a nova filosofia da PETROFÉRTIL cumprindo o atendimento das necessidades do mercado interno de matérias-primas para fertilizantes. Observando o critério de rentabilidade, o Grupo PETROFÉRTIL obteve, no ano de 1991, um lucro de US\$ 2,2 milhões (antes da aplicação da Lei 8200/91) apesar do setor fertilizantes ter apresentado um fraco desempenho.

A nova estratégia empresarial da PETROFÉRTIL foi assumida em face da redução significativa das alíquotas de importação e da inclusão de todas as empresas do grupo no Programa Nacional de Desestatização. O bom desempenho deve-se fundamentalmente à acentuada redução de custos, proveniente de racionalização administrativa e operacional; de melhor aproveitamento de estoques; da alteração na política de comercialização, privilegiando as vendas na modalidade FOB e de uma participação mais ativa do grupo nas exportações.

A importância do Grupo PETROFÉRTIL é mostrada pela AEPET através de seu histórico de realizações e avanço do setor de fertilizantes. A nova filosofia de trabalho é destaque e a característica estratégica da produção de fertilizantes num País agrícola é ressaltada.



Nesta Edição:

Como surgiu a indústria de fertilizantes no Brasil.

Pág. 3

A PETROFÉRTIL está preocupada, com a rentabilidade.

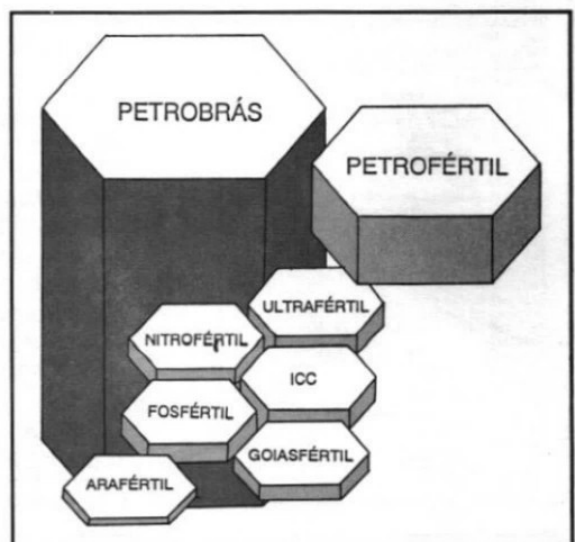
Pág. 4 e 5

A indústria de fertilizantes no mundo.

Pág. 6

A preocupação com o grupo PETROFÉRTIL.

Pág. 8





ASSOCIAÇÃO DOS
ENGENHEIROS DA PETROBRÁS
Sede Rua Senador Dantas,
75/1801 — Centro CEP — 20031
— Tel.: 220-4774 — Telex: (21)
40167 — FAX: (021) 262-9224 —
CGC: 34.131.870/0001-11 — Insc.
Munic.: 428.078-00

DIRETORIA EXECUTIVA

Diomedes Cesário da Silva
Presidente
CENPES/DIPROM
Sala: 2130
Tel. Trab.: 598-6242 — 598-6234
Tel. Res.: 551-6525
Fax: 590-6643

Hildebrando J.C. Gonçales
Diretor de Patrimônio
PETROQUISA/PETROFÓRIO
Sala: 7º andar

Tel. Trab.: 242-8061
Tel. Res.: 363-2960
Fax: 224-7150/221-9235

Fernando Leite Siqueira
Diretor de Comunicações
DEPRO/DENGE
Sala: 1005

Tel. Trab.: 534-2550/534-1175
Tel. Res.: 711-4640
Fax: 534-2314

Carlos Soligo Camerini
Diretor de Pessoal
CENPES/DIPLOT/SEMEC
Sala: 0015

Tel. Trab.: 598-6504
Tel. Res.: 322-4924
Fax: 598-6363

Nelson Camanho da Costa Filho
Diretor Cultural
DECOM/SUPERSEDEP
Sala: 1882

Tel. Trab.: 534-3238
Tel. Res.: 294-3747
Fax: 262-2664

Alvaro de Sá Bahia
Membro do Conselho Fiscal
DEPEX/DISEP
Sala: 1518

Tel. Trab.: 534-2747/534-1342
Tel. Res.: 246-4238
Fax: 534-3938

Sydney Reis Santos
Membro do Conselho Fiscal
SETINF/PESOP
Sala: 1604

Tel. Trab.: 534-2757/534-4804
Tel. Res.: 208-4306
Fax: 220-2696

Jorge Luiz Nogueira de Souza
Membro do Conselho Fiscal
DEPER/DIPLAN/SEPLAL
Sala: 2023

Tel. Trab.: 534-2113/534-0631
Tel. Res.: 254-8479
Fax: 262-8276

Marco Aurélio Latge
Vice-Presidente
DEPEX/DIRUL/SERAB
Sala: 1301

Tel. Trab.: 534-2079
Tel. Res.: 711-8917
Fax: 534-1078

Julio Diniz Bastos Pinto
Vice-Diretor de Patrimônio
PETROQUISA/GEFIN
Sala: a/304

Tel. Trab.: 296-5131 R. 243
Tel. Res.: 541-2350
Fax: 263-4294/233-1301

Ricardo Moura de A. Maranhão
Vice-Diretor de Comunicações
SEGEN/DIAGE
Sala: 7º andar

Tel. Trab.: 566-3760/3761
Tel. Res.: 553-3230/265-4065
Fax: 566-5999

CONSELHO FISCAL
Argemiro Portence Neto
Vice-Diretor de Pessoal
SERMAT/DICOMP-I/SECOM-I
Sala: 659

Tel. Trab.: 534-1711/534-1712
Tel. Res.: 567-2537/281-7925/281-3175
Fax: 262-2627

José Conrado de Souza
Vice-Diretor Cultural
DECOM/DISUP/SEPROC
Sala: 1974

Tel. Trab.: 534-3232/534-3233
Tel. Res.: 266-6040
Fax: 534-3607

Carlos Augusto D. Brandão
Membro do Conselho Fiscal
Av. Rui Barbosa, 636/1004 — CEP: 22250
Sala:

Tel. Trab.:
Tel. Res.: 551-7967/552-3828
Fax:

Guilherme Vaz do Couto
Membro do Conselho Fiscal
PETROFERTIL/GEPLAN/DIEPRO
Sala: 804

Tel. Trab.: 217-5246
Tel. Res.: 227-9431
Fax: 240-4523

Wagner Granja Victor
Membro do Conselho Fiscal
SEGEN/EMPAB
Sala: 9º andar

Tel. Trab.: 566-5684
Tel. Res.: 463-2462
Fax: 566-5634

Consumo mundial de fertilizantes

As empresas estatais têm muitas vezes sua autonomia engessada pelo excesso de leis e controles, em razão de programas de governo, posicionando-se, dessa forma, no mercado de forma diferente das empresas privadas. Assim, muitas vezes, o seu principal objetivo que deve ser a rentabilidade e o lucro fica prejudicado. É comum verificar-se por tudo isso a empresa estatal reagindo vagorosamente às mudanças de mercado se comparadas às empresas privadas. No entanto, há uma revisão na atuação da estatal para que esta seja conduzida à competitividade, eficiência e lucratividade.

Nos últimos anos a tendência de crescimento da indústria de fertilizantes mudou rumo aos países do Leste Europeu, à China e Índia e aos países em desenvolvimento, onde a grande maioria de novos investimentos na indústria está acontecendo. Esta tendência alterou a proporção entre empresas estatais e privadas. Estatística divulgada pela International Fertilizer Association — IFA — cobrindo o período de 1965-1984 revela um aumento da participação estatal. Veja o quadro I abaixo:

O mercado mundial de fertili-

zantes reagiu aos impactos da reestruturação econômica e política mundial.

O consumo mundial de nutrientes decresceu 1,4%, em 1990, em relação ao ano anterior. Veja o quadro II abaixo.

Para 1994 a previsão total para produção e consumo é moderadamente otimista. Com relação à demanda é esperado um crescimento das atuais 143 milhões de t para 160 milhões de toneladas. O balanço de oferta e demanda prevê um excedente positivo de 2,7 milhões de t em 1994.

As tendências gerais do setor a nível mundial são:

- 1-Paralisação da produção de unidades pouco eficientes de fosfatados
- 2-Estimativa de crescimento da demanda mundial em 2% ao ano
- 3-Desenvolvimento tecnológico com ganhos de produtividade, com maior eficiência nos processos existentes e nas instalações industriais, mas com pouca probabilidade de grandes avanços tecnológicos e produção mais especificada com crescimento de produção e uso de fertilizantes fluidos.

QUADRO I

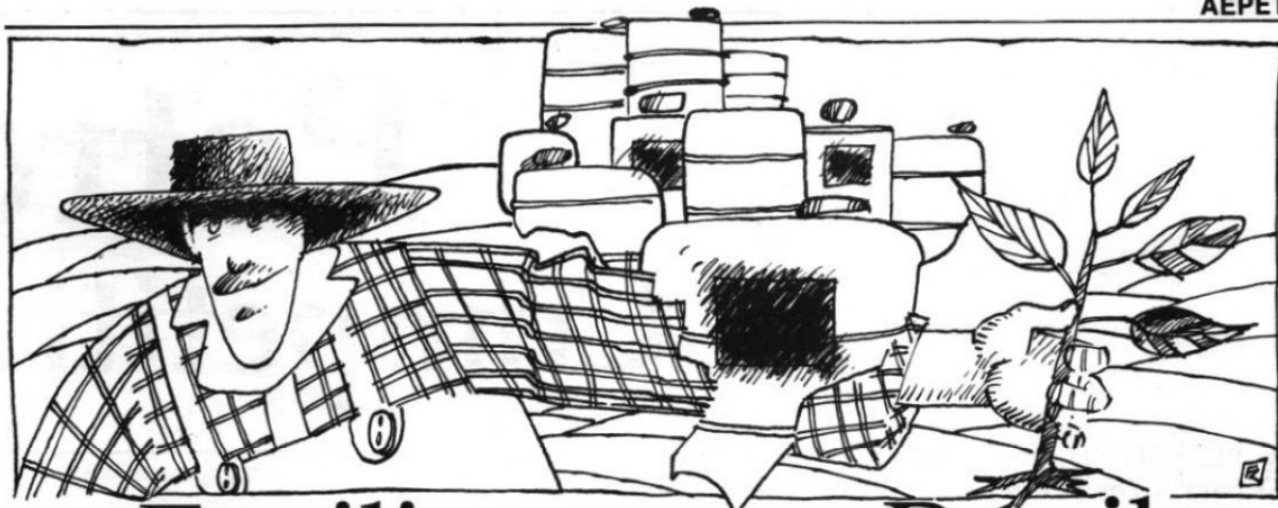
PRODUTO	% DE PARTICIPAÇÃO ESTATAL	
	DE	PARA
AMÔNIA	30	40
POTÁSSIO	40	65
AC. FOSFÓRICO E FERTILI. FOSFATADOS	10	46

QUADRO II

CONSUMO MUNDIAL DE FERTILIZANTES EM 1991 EM 1000 T

REGIÃO	NPK	%
EUROPA ORIENTAL	25.050	19
ÁSIA SOCIALISTA	28.561	21
EUROPA OCIDENTAL	19.311	14
AMÉRICA DO NORTE	21.160	16
ÁSIA SUL	16.200	12
AMÉRICA LATINA	7.917	6
ÁSIA ORIENTAL	7.800	6
ORIENTE MÉDIO	5.516	4
ÁFRICA	2.777	2
OCEANIA	1.540	—
TOTAL MUNDIAL	135.832	100

FONTE: IFA



Fertilizantes no Brasil

A implantação da indústria de fertilizantes no Brasil decorreu de dois fatores básicos: aumento da demanda provocado pela modernização das técnicas utilizadas na agricultura e interesse em substituir importações de produtos que o Brasil já teria condições técnicas e econômicas satisfatórias para fabricar.

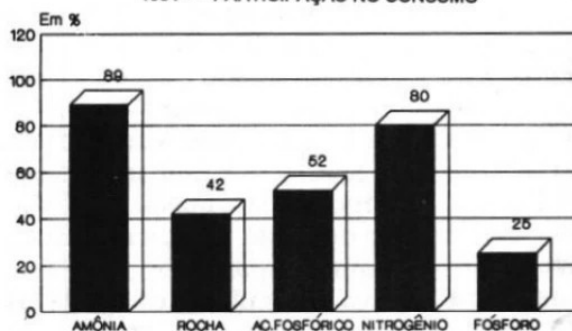
Em meados da década de 50, o Conselho Nacional de Petróleo ofereceu, sem êxito, à iniciativa privada o gás sobrando da Refinaria de Cubatão. O aproveitamento deste, a partir de 1958, resultou na produção de amônia, ácido nítrico, nitrato de amônio e nitrocálcio. Excetuando a unidade de amônia a produção está em operação até hoje.

Na segunda metade da década de 60 surgiram novas unidades de superfosfato simples. Neste período foi criada a Ultrafertil pela associação da Philips Petroleum com o grupo Ultra. Esta iniciou suas atividades com a comercialização de produtos importados. A Ultrafertil desenvolveu uma política de ampliação do mercado com esforço de vendas apoiado em serviços de assistência técnica aos agricultores através de centros e postos de serviços agrícolas.

Em 1970 iniciou-se no País a produção de ácido fosfórico com a implantação do Complexo de Produção de Fertilizantes em Piaçaguera. No empreendimento também foi lançada a primeira unidade de porte para produção de amônia, além de outras unidades de vários produtos. Em 1972, a PETROBRÁS foi chamada a atuar novamente no setor de fertilizantes com a criação da PETROFÉRTIL, que deu ponto de partida ao Pólo Petroquímico de Camaçari.

No ano de 1974, houve a passagem do controle acionário da Ultrafertil para a PETROBRÁS, através da Petroquisa, por motivos econômico-financeiros e saída da Philips Petroleum do negócio. No mesmo ano, foi formulado o I Plano Nacional de Fertilizantes e Calcário Agrícola

GRUPO PETROFÉRTIL
1991 — PARTICIPAÇÃO NO CONSUMO



com o objetivo de substituir importações de matérias-primas para a indústria nacional de fertilizantes. Dois anos depois foi criada a PETROFÉRTIL, subsidiária da PETROBRÁS para a área de fertilizantes. Em 1977, a fábrica de fertilizantes de Cubatão foi incorporada à Ultrafertil. No mesmo ano, o controle acionário da Ultrafertil passou da Petroquisa para a Petrofertil, com a seguinte composição de capital: 93,5% Petrofertil, 4,2% grupo Ultra e 2,3% outros.

No ano de 1981, o Complexo Industrial de Araucária foi incorpora-

do ao patrimônio da Ultrafertil. No ano seguinte, este complexo começou a produzir amônia, uréia, metanol e enxofre elementar. Ainda em 1982, a Ultrafertil teve desativada a sua área de vendas ao agricultor, desmatando-se uma rede formada por mais de 50 unidades de mistura em comercialização de fertilizantes que constituía o setor mais rentável da empresa.

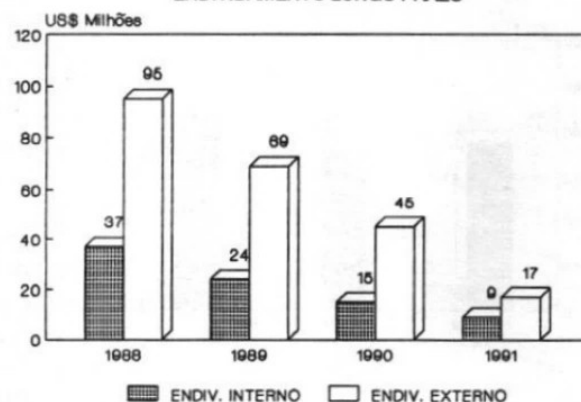
responsável pelo atendimento de aproximadamente 13% da demanda nacional de fertilizantes.

Na mesma época, toda a Ultrafertil foi oferecida à iniciativa privada dentro de um programa de privatização que chegou até a licitação pública. Em 1984 foi criado o grupo PETROFÉRTIL que reuniu as empresas Ultrafertil, Nitrofertil, Goiasfertil, Fosfertil e ICC. O grupo foi criado para esta-

belecer as políticas globais de atuação de suas empresas na área de crédito a clientes, gestão financeira, pesquisas de processos e produtos, comercialização, planejamento estratégico integrado e relações com o mercado.

O grupo PETROFÉRTIL atua hoje com um elevado padrão de racionalização de suas atividades e eficiência operacional dos seus onze complexos industriais e dos seus três terminais marítimos, a partir de matérias-primas de origem nacional e importando apenas enxofre elementar.

GRUPO PETROFÉRTIL
ENDIVIDAMENTO LONGO PRAZO



Petro Competitiv

A PETROFÉRTIL está voltada para a competitividade e não apenas para garantir o abastecimento interno de matérias-primas para fertilizantes. Esta nova estratégia empresarial foi assumida em face da redução significativa das alíquotas de importação e da inclusão de todas as empresas do grupo PETROFÉRTIL no Programa Nacional de Desestatização. Desse modo, apesar do setor fertilizantes ter apresentado um fraco desempenho no ano de 1991, o grupo PETROFÉRTIL obteve resultados bastante positivos, chegando, no período, a um lucro de US\$ 2,2 milhões (antes da aplicação da Lei 8200/91).

Esta performance deve-se fundamentalmente à acentuada redução de custos proveniente da racionalização administrativa e operacional, ao melhor aproveitamento de estoques, à política de vendas, primordialmente na modalidade FOB, e a uma participação mais agressiva do grupo PETROFÉRTIL nas exportações. Foram vendidas à China, Bélgica, Uruguai 206 mil toneladas de uréia e à Espanha e Uruguai 33 mil toneladas de

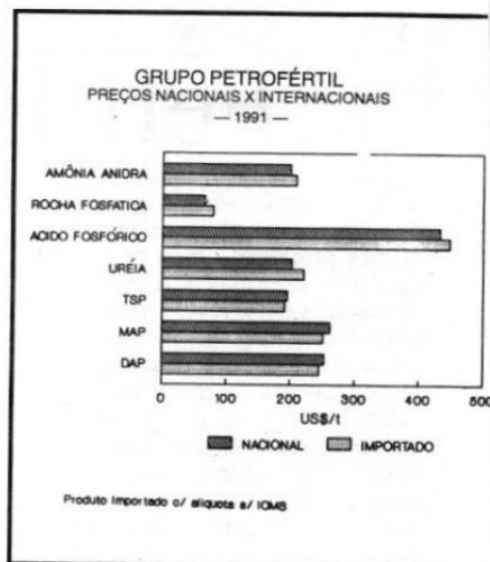
DAP. O novo sistema de comercialização do grupo aliado a todas as medidas de redução de custos resultou num faturamento líquido de US\$ 253,6 milhões no ano de 1991.

DESEMPENHO

O Brasil colheu, no ano passado, 56,1 milhões de toneladas de grãos, resultado que representa uma queda de safra de 21,86% em relação a 1989. Vários foram os fatores determinantes desta redução, como queda na produção de milho, trigo, soja e arroz. Assim, importamos, este ano, cerca de 8 milhões de toneladas de grãos, que irão representar um desembolso de aproximadamente US\$ 2 bilhões.

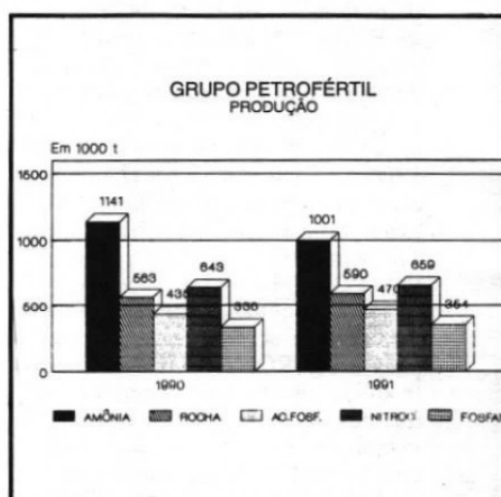
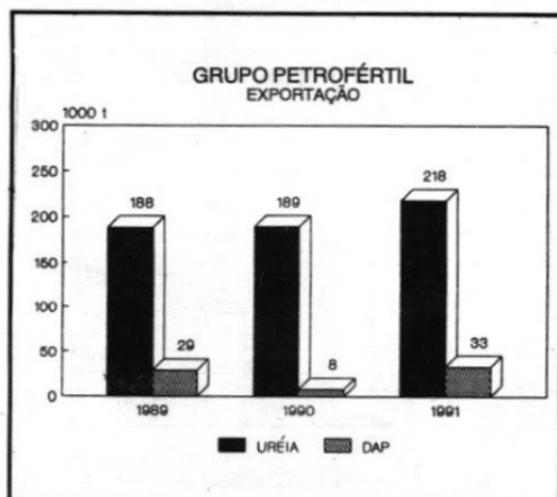
O desempenho do setor de fertilizantes é sempre influenciado diretamente pelo comportamento da agricultura, havendo uma correlação estreita entre a redução das entregas efetivas desses insumos e a produção agrícola, esta altamente influenciada pela política do setor e pela produtividade referida à área plantada. No ano de 1991 a entrega de fertilizantes nitrogenados sofreu uma retração de 8,1% e a de fertilizantes fosfatados um acréscimo de 3% (veja quadro I).

Os produtos do grupo PETROFÉRTIL permaneceram, no ano, competitivos com os similares importados nas várias regiões de venda do País, conforme o indicado no quadro II. Os preços FOB no merca-



do internacional tiveram uma redução média de 9%, destacando-se a amônia, o TSP. O MAP não sofreu alteração.

A produção do grupo PETROFÉRTIL, no ano, foi inferior em 7% nos fertilizantes nitrogenados e superior 7% nos fertilizantes fosfatados. Com relação às matérias-primas houve uma redução de 15% na produção de amônia e aumento de 1% na rocha fosfática e de 7% na de ácido fosfórico (quadro III). As variações de produção são reflexos da



Fétil: dade e lucro

política de planejamento na programação e controle da produção, de acordo com as necessidades do mercado.

É importante destacar que os produtos do Grupo mantêm-se competitivos com os do mercado internacional, mesmo dentro de um setor em que as alíquotas de importação são as mais reduzidas atualmente na economia brasileira.

A NOVA POLÍTICA

O grupo PETROFÉRTIL adotou, a partir de novembro de 1990, uma política de maximização das oportunidades de negócios, garantindo a identidade de cada uma das companhias, procurando torná-las mais eficientes e lucrativas. A nova estratégia de comercialização adotada substituiu o sistema de cotas pelo de pedidos firmes, o que proporcionou uma significativa redução de custos financeiros com estoque e uma idêntica oportunidade de compra às empresas do setor de fertilizantes.

Esta nova estratégia possibilitou a comercialização de 80% da produção do grupo PETROFÉRTIL no ano de 1991. Cabe destacar a redução de custos de movimentação de produtos da ordem de US\$ 15 milhões, no ano, em função da política de vendas FOB adotada pelo grupo.

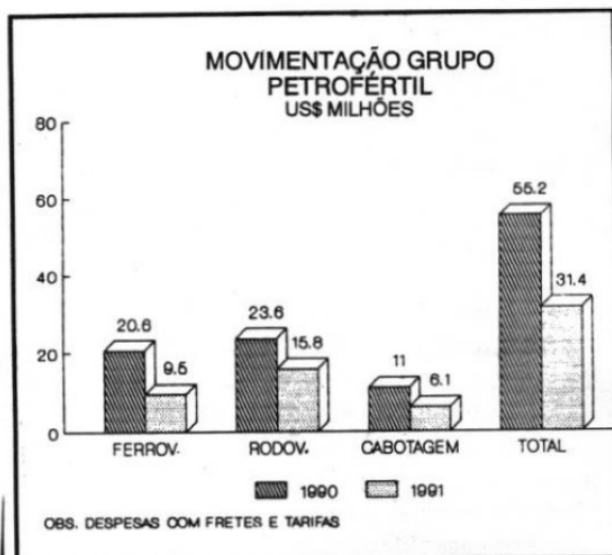
Como resultado dessa política destaca-se, a partir do primeiro semestre de 1991, a maior participação do grupo PETROFÉRTIL no mercado externo (quadro IV). O volume físico de vendas até dezembro apresentou um acréscimo de

cerca de 10% em relação ao mesmo período do ano passado.

RACIONALIZAÇÃO

Com o objetivo de minimizar os efeitos do quadro recessivo e buscar maior rentabilidade, desenvolveu-se no grupo PETROFÉRTIL um Programa de Racionalização Administrativa e Operacional visando reduzir custos e agilizar processos decisórios, melhorar a competitividade, incrementar a produtividade e elevar a qualidade dos produtos e serviços oferecidos pela "holding" e por suas controladas.

Esse programa resultou numa série de medidas, como a transferência de escritórios centrais da Ultrafétil e Fosfétil para os respectivos complexos industriais de Cubatão, Camaçari e Uberaba e a desativação dos escritórios de representação da Goiásfétil e

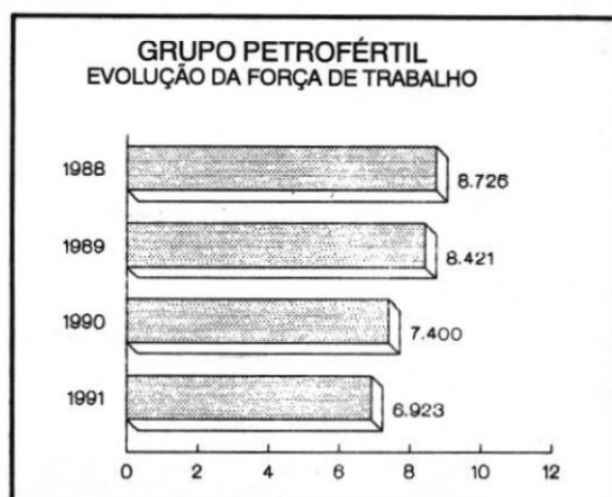


ICC em Goiânia e Florianópolis, respectivamente.

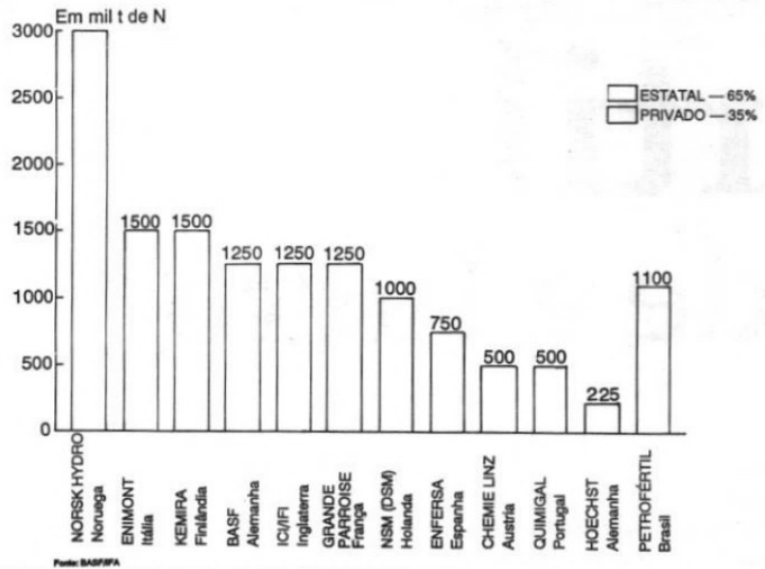
Além disso, foram extintas 18 diretorias e níveis de gratificação relativos a 36 gerências e assessorias, 37 divisões e 42 setores. Houve ainda a dispensa de 865 empregados. A redução de custo anual no período de junho de 1990 a dezembro deste ano foi de, aproximadamente, US\$ 80 milhões (quadro VI). Todo o esforço resultante da racionalização administrativa e operacional do grupo PETROFÉRTIL acarretou uma

acentuada queda nos custos fixos da Fosfétil, Nitrofétil e Ultrafétil, principalmente.

Os dispêndios correntes sofreram uma redução média de 25% em relação ao mesmo período do ano anterior e que não é do nosso controle.



PETROFÉRTIL X AS MAIORES PRODUTORAS DE FERTILIZANTES NITROGENADOS NA EUROPA ANÁLISE DA CAPACIDADE DE PRODUÇÃO



O Setor no Mundo

A industria de fertilizantes mundial é constituída de grandes e pequenas companhias, algumas multinacionais e altamente diversificadas e outras dedicadas ao mercado local e inteiramente voltadas para a produção de fertilizantes. Há as que são essencialmente dedicadas ao setor de mineração e muitas são do setor químico, existindo ainda as que atuam em ambos os setores. A diversificação da produção tirando partido dos subprodutos químicos visa atenuar a sazonalidade imposta pelos ciclos agrícolas. Independente do perfil empresarial e da natureza do capital, as empresas produtoras de fertilizantes operam, em todo mundo, com estreita margem de lucro, utilizando-se da dimensão de sua escala de negócios e de diversificação de atuação em outros setores para alavancarem seus resultados. Para 1994, a previsão total para produção e consumo é moderadamente otimista. Com relação à demanda é esperado um crescimento da atual de 143 milhões de toneladas para 160 milhões de toneladas

As maiores empresas do setor no mundo, exceto Estados Unidos e Leste Europeu, são:

EMPRESA/PAÍS	PROPRIEDADE	PRODUTO (EM 1000 T/ANO)	EMPRESA/PAÍS	PROPRIEDADE	PRODUTO (EM 1000 T/ANO)
NORSK HYDRO NORUEGA	Cia Estatal	Amônia 535			Ac. fosfórico 200
		NPF 2600			Ac. sulfúrico 530
		NIT. Amônio 152	ENFERSA ESPANHA	Cia estatal	Amônia 472
		Nitrocálcio 1100			Ac. Nítrico 660
KEMIRA	Cia Estatal	NPK 1850			Nitrocálcio 1277
		Ac. Nítrico 663			Nit. amônio 1670
		Ac. Fosfórico 280			Sulf. amônio 109
		AC. Sulfúrico 900			NPK 567
		Sulf. Potássio 145			SSF/TSP 216
		Amônia 80			Ac. sulfúrico 165
		Rocha Fosfática 600			Soluções nitrog. 248
ICI	Cia Privada	Amônia 1350	QUIMIGAL PORTUGAL	Cia estatal	Nit. amônio 475
INGLATERRA	(Capital 100% KEMIRA)	Úrea 330			Nitrocálcio 48
		Nit. Amônio 1727			Ac. nítrico 558
		Sulf. Amônio 120			Ac. fosfórico 45
		Fertil. Complexos 730			Ac. sulfúrico 235
NSM (DSM) HOLANDA	Cia Privada (Capital 100% da NORSK Hydro)	Amônia 1500			Úrea 75
		Ac. Nítrico 1270			Amônia 285
		Nit. Amônio 1710			NPK 485
		Úrea 780			Superfosfato 581
CHEMIE LINZ ÁUSTRIA	Cia Privada Holding Chemie AG	Amônia 500	POTASH CORPORATION OF SASKATCHEWAN CANADÁ	Cia estatal	Sulfato amônio 60
		Nitrocálcio 800			KCL/K2S04 4728
		Comp. Fertil. 600			
HOECHST ALEMANHA	Cia privada	Amônia 191			
		Ac. fosfórico 110	INCLUI 8 EMPRESAS DA INDIA	Cia estatal	Amônia 1970
BASF ALEMANHA	Cia estatal	Amônia 1250			Úrea 3350
		Úrea 150			
ENIMONT ITÁLIA	Cia estatal	Ac. fosfórico 175	NATIONAL CHEMICAL/SAFCO/AL-JUBAIL FERTILIZER ARÁBIA SAUDITA	"Joint venture" Cia estatal -50% Cia privada -50%	Amônia 1000
		Úrea 496			Ac. sulfúrico 100
GRANDE PARROISE FRANÇA	Cia estatal	NPK 1390			Úrea 1430
		Amônia 1410			DAP 100
		Ac. Nítrico 2000			TSP 200
		Nit. amônia 2200	PETROCHEMICAL IND. COMP. KWAIT	Cia estatal	Fertil. Complexos 500
		Úrea 540			Amônia 990
		Sol. nitrato 760			Úrea 792

Produzir fertilizantes no Brasil é essencial

A existência e evolução do setor de fertilizantes é função da situação do setor agrícola. Não se pode ter ilusão de abastecer o mercado com a importação de fertilizantes.

Há de se destacar também que dentre os insumos agrícolas o fertilizante e defensivo são os que apresentam, ao longo dos últimos cinco anos, a maior defasagem de preços. Pelas estimativas até o ano 2000 serão produzidas 140 milhões de toneladas de grãos. Tomando-se como base os dados históricos dos últimos 30 anos, o setor de fertilizantes apresenta um crescimento médio da ordem de 3,9% ao ano.

A administração desta taxa de crescimento até o ano 2000 projeta um consumo duplicado de NPK. O suprimento deste mercado com um acréscimo de cerca de 3,6 milhões de toneladas de fertilizantes em comparação aos níveis atuais da oferta no País indica necessidade de aumento da

oferta nacional de matéria-prima e de fertilizantes; necessidade de maiores ganhos de produtividade através da modernização dos atuais complexos industriais e investimentos em novas tecnologias de produtos e processos.

Não se pode cultivar a ilusão de que seja possível abastecer este mercado somente com importação, sem que os preços dos fertilizantes e matérias-primas sofram altas expressivas no mercado internacional e que venham a anular a vantagem atual da redução da alíquota de importação. A reformulação do atual modelo em-

presarial do setor de fertilizantes deve se basear na busca de uma escala operacional que lhe permita prati-

car custos de produção, movimentação e comercialização.

Perspectivas

O projeto de Reconstrução Nacional tem como estratégia central a reestruturação em base competitiva da economia brasileira.

A isenção do setor agrícola neste contexto deverá ser balizada por quatro pontos principais:

- maior ênfase do sistema de mercado e menor participação das intervenções do estado na estratégia de crescimento agrícola;
- a ação remanescente do estado dar-se-á pela prioridade aos produtos rurais de baixa renda;
- criação de condições para garantia de abastecimento alimentar;
- consolidação de um novo padrão de financiamento da atividade rural.

QUADRO I

AGRICULTURA & FERTILIZANTES						
ITENS	1985	1986	1987	1988	1989	1990 (1)
1. ÁREA PLANTADA (MILHÕES HA)	50,72	52,46	52,41	54,84	54,55	44,55
2. ENTREGAS DE FERTILIZANTES (MILHÕES TONELADAS DE PRODUTOS)	7,96	9,65	9,65	9,77	8,76	8,22
3. CONSUMO DE NPK (KG NPK/HA)	67	79	79	76	69	71
4. CRÉDITO PARA CUSTEIO AGRÍCOLA (1985 BASE 100)	100	118	109	80	99	44
5. PRODUÇÃO AGROVETAL (MILHÕES TON.)	104,58	98,07	114,98	114,08	119,64	107,90
5.1. GRÃOS (2)	57,28	53,44	63,80	66,26	71,81	58,46
FONTE: IBGE-CEPAGRO E BACEN						
(1) Dados preliminares						
(2) Cereais e oleaginosas						

QUADRO II

EVOLUÇÃO DOS ÍNDICES DE PREÇOS REAIS DE INSUMOS AGRÍCOLAS NO BRASIL, 1977/90 (1977 = 100)				
ANOS	MÁQUINAS AGRÍCOLAS	FERTILIZANTES	DEFENSIVOS	COMBUSTÍVEIS
1977	100	100	100	100
1979	84	99	98	104
1981	107	115	108	142
1983	104	105	108	148
1985	93	109	110	129
1987	93	64	54	121
1989	134	54	62	84
1990	144	56	53	83

FONTE: FGV - Conjuntura Econômica
IEA - Instituto de Economia Agrícola

A participação das estatais

Da mesma forma, cerca de 60% da produção mundial de rocha fosfática é produzida por empresas estatais. As empresas privadas, exceto americanas, contribuem com apenas 4% da produção mundial. A maioria da indústria mundial de fertilizantes básicos é atualmente controlada por empresas estatais, com um significativo recuo do setor privado nos países de economia de mercado. O setor privado não tem escolha, a não ser tornar-se mais eficiente para favorecer o crescimento do mercado e realizar novos avanços tecnológicos. Temos então a maior concentração da indústria de fertilizantes básicos em empresas estatais, visto que os pequenos produtores não dispõem dos meios para acumular ou aumentar o seu capital destinado a investir em aumento de capacidade, em escala competitiva, nem destinar recursos materiais e humanos suficientes para pesquisa e desenvolvimento tecnológico.

Há também razões de natureza mais específica

para a entrada e permanência do Estado na produção de fertilizantes, como para utilização de reservas naturais, para realizar atividades pioneiras para atender razões estratégicas como garantia de abastecimento de alimentos e para estimular o desenvolvimento da agricultura.

A capacidade para produção de fertilizantes nitrogenados subiu entre 1970 e 1986 de 44 milhões de t para 98 milhões de t de nitrogênio. Como a capacidade das empresas privadas continuou quase a mesma em

QUADRO I

NORSK HYDRO (Noruega)	51%
ENIMONT (Itália)	100%
KEMIRA (Finlândia)	100%
BASF (Alemanha)	100%
ICI (Inglaterra)	100% privada (*)
GRANDE PARROISE (França)	70%
ENFERSA (Espanha)	100%
QUIMIGAL (Portugal)	100%
POTASH CORPORATION (Canadá)	100%
FACT (Índia)	100%
NATIONAL CHEMICAL/SAFCO (Arábia Saudita)	50%
KRISHAK BHARATI CORP. (Índia)	100%
NATIONAL FERTILIZER LTD. (Índia)	100%
PETROCHEMICAL IND. COM. (Kwait)	100%
PETROFERTIL (Brasil)	100%

(*) Adquirida, recentemente, pela estatal KEMIRA

termos absolutos, sua participação caiu de 50% para 25%. A participação dos produtores privados deverá continuar inalterada ainda este ano, enquanto a capacidade de produção das empresas estatais nos países em desenvolvimento vem aumentando. As empresas estatais expandiram-se nos países desenvolvidos. Nesses países a participação da capacidade instalada de fertilizantes nitrogenados cresceu e crescerá ainda mais. No caso do ácido fosfórico e fosfatos a capacidade mundial mais que duplicou. Empresas privadas e estatais expandiram-se em termos absolutos. Ainda que a participação do estado tenha aumentado, ela representa cerca de 50%, contrastando com os nitrogenados. Nos próximos anos a proporção deverá se modificar ainda que timidamente no sentido de maior participação das empresas estatais.

A participação do capital estatal nas maiores empresas de fertilizantes do mundo, com exceção dos Estados Unidos e dos países do Leste Europeu está no quadro I

Nesse contexto o setor fertilizantes deverá ter flexibilidade com as exigências do mercado e buscar eficiência através do incremento na capacidade científica e tecnológica, buscando competitividade a nível nacional e, sobretudo, internacional.

A privatização do grupo Petrofertil

Ao longo do desenvolvimento do processo de privatização das empresas do GRUPO PETROFÉRTIL, vários aspectos vêm sendo objeto de discussão e análise por parte dos agentes envolvidos. Dentre eles, o pós-privatização, que vem cada vez mais se constituindo em motivo de preocupação.

Esta preocupação ficou bastante evidente no Seminário "O Setor de Fertilizantes e o Programa Nacional de Desestatização", realizado no mês de junho do ano passado, em São Paulo. Parte significativa dos participantes externaram esta preocupação, como o Presidente da ANDA, ao esclarecer que "a ANDA não tem na desestatização em si um objetivo específico. Ela está, entretanto, muito preocupada com o processo de desestruturação do Setor".

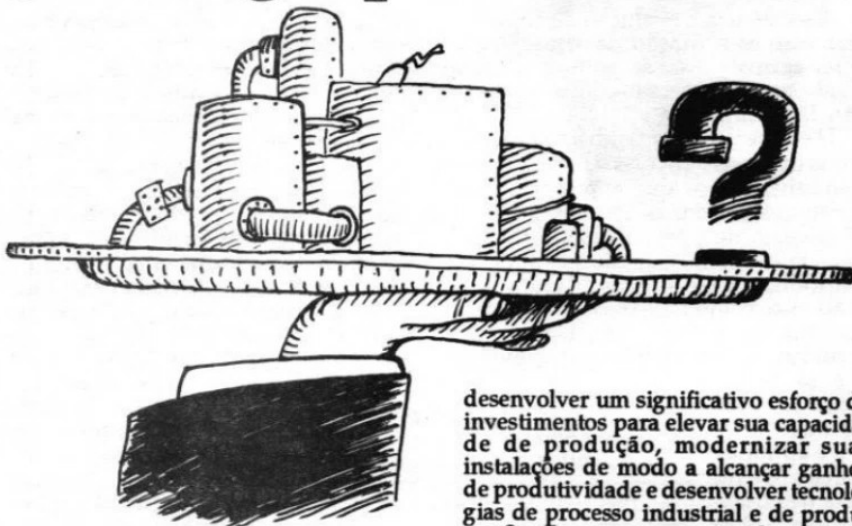
Na verdade, esta apreensão é compreensível e está ligada ao fato de que no programa não está incluída apenas, uma empresa no setor fertilizantes e sim praticamente toda a indústria produtora de matérias-primas nitrogenadas e quase toda a de fosfatados. São indústrias estratégicas para qualquer economia e que, no caso brasileiro, deverão desempenhar papel da máxima relevância para a retomada do processo de desenvolvimento econômico do País, como já ocorreu no passado, o que poderá ser comprometido com uma eventual desestruturação destas indústrias.

Contribui também para esta preocupação o fato de que o modelo de privatização em andamento, implica na desarticulação da atual configuração empresarial do GRUPO PETROFÉRTIL, constituído por uma Sociedade de Comando e Empresas Controladas, combinando esforços e recursos e subordinando os interesses específicos e imediatos de cada Controlada aos do GRUPO.

Considere-se ainda que em torno da atuação do GRUPO PETROFÉRTIL, que vem atendendo com eficiência o mercado brasileiro, gravitam as empresas privadas do setor de fertilizantes, que se voltaram muito mais para a atividade de comercialização do que para o investimento no segmento industrial, criando na verdade uma acentuada dependência em relação às empresas do GRUPO PETROFÉRTIL.

As razões que levaram a constituição do GRUPO PETROFÉRTIL estão ligadas aos motivos que deram origem a própria implantação da indústria de fertilizantes no País. Conforme pode-se recordar, o desequilíbrio das contas externas do País, provocado pela elevação do preço do petróleo no mercado internacional e a conseqüente elevação da amônia e do ácido fosfórico, levaram o País a implementar uma política de substituição de importações, aproveitando as disponibilidades de matérias-primas petrolíferas (gás natural, gás de refinaria e RASF).

Em 1976 foi criada a PETROFÉRTIL, com o acervo recebido da PETROBRÁS (Fábrica de Fertilizantes de Cubatão, Ultrafertil e Fábrica de Fertilizantes da Bahia). De acordo com o Plano Nacional de Fertilizantes e Calcário Agrícola foi atribuída a Subsidiária a construção e operação das fábricas de fertilizantes de Laranjeiras, em Sergipe e Araucária, no Paraná. Além disso, por decisão governamental, incorporou a área de fosfatados de Tapira, Patos de Minas e o Complexo Industrial de Uberaba, a ICC e a Goiásfertil. O elevado nível de investimentos envolvidos nestes empreendimentos, não permiti-



tiram a participação da iniciativa privada, apesar de na época o Estado ter incentivado tal participação dentro do modelo tripartite.

Com os problemas ocorridos no País na década de 80, foi interrompido o processo de crescimento da economia brasileira e com isso o mercado de fertilizantes, a partir da metade da década, reduziu-se significativamente, afetando a economicidade daqueles empreendimentos dimensionados para atender um mercado em evolução.

Neste quadro econômico, em 1984, foi constituído o GRUPO PETROFÉRTIL que se mostrou um instrumento jurídico-administrativo, capaz de preservar o parque industrial produtor de fertilizantes, ainda que em certos aspectos de forma precária.

Atualmente, apesar da implementação de um programa de racionalização administrativa e operacional, e de ter alcançado neste ano uma situação econômica-financeira razoável, propiciando inclusive a manutenção em operação de empresas em grandes dificuldades financeiras como a ICC e a Goiásfertil, a escassez de recursos que o GRUPO vem enfrentando nos últimos anos afetou significativamente a realização de investimentos em modernização, desgastamento e até mesmo em proteção do meio ambiente.

O nível de investimento realizado no último ano, situou-se em apenas US\$ 15 milhões, cerca de um quarto do que foi realizado em 1987. Para um ativo de cerca de US\$ 2 bilhões, estes níveis de investimentos são extremamente baixos e se não retomados a níveis adequados comprometer-se-á, a curto prazo, a manutenção da operacionalidade das empresas mesmo para os valores de produção atuais.

Por outro lado, o setor agrícola deverá desempenhar papel importante na retomada do crescimento econômico do País, conforme preconizam as diretrizes da política econômica do Governo, estimando-se que no final da presente década haja a necessidade de uma produção de cerca de 140 milhões de toneladas de grãos para atender somente à demanda do País.

Dentro desta expectativa, a produção interna de fertilizantes deverá ser duplicada até o final desta década.

Fica claro, portanto, que para atender às necessidades da agricultura, a indústria de fertilizantes deverá a médio prazo,

desenvolver um significativo esforço de investimentos para elevar sua capacidade de produção, modernizar suas instalações de modo a alcançar ganhos de produtividade e desenvolver tecnologias de processo industrial e de produtos. Sem levar em conta a implantação de uma nova fábrica de nitrogenados, estima-se a necessidade de se investir cerca de US\$ 250 milhões nos próximos 5 (cinco) anos.

Por outro lado, há que se considerar que este esforço de investimentos também terá que ser feito mesmo que se considere como uma opção a importação, já que além da inexistência de infra-estrutura, para recebimento de fertilizantes, o Brasil como grande comprador certamente elevaria o preço do produto no mercado internacional, caso venha a depender de volumes expressivos do produto.

Esse quadro global leva à necessidade de se reavaliar o processo de privatização do setor fertilizantes e, por conseqüência, do GRUPO PETROFÉRTIL, não quanto a sua legitimidade, uma vez que não se discute a privatização em si, que é uma determinação do Governo com o respaldo democrático da aprovação pelo Congresso, mas sim qual a melhor forma de conduzi-la, em face de situações peculiares como esta de que se cogita.

Talvez pelas particularidades do setor, uma forma gradativa de cessão do controle acionário das empresas do GRUPO através de associações, fusões, vendas de ações, etc., fosse mais adequada e realista, criando, a médio prazo, condições de atratividade tais que o GRUPO saneado economicamente, com injeções de capitais privados nacionais e internacionais, teria melhores condições de ser alienado sem que se quebrasse a estrutura básica em torno da qual gravita hoje todo o setor de produção de fertilizantes no Brasil.

Mais ainda, sugere-se utilizar os contratos de gestão passando pelo Congresso para determinar que a PETROFÉRTIL seja juntamente com o BNDES encarregada da privatização do GRUPO, num lapso de tempo mais compatível com a complexidade inerente à desestatização de um setor importante para a economia, como o de fertilizantes.

Fica, portanto, o alerta de que é imperioso reavaliar urgentemente o processo de privatização do GRUPO PETROFÉRTIL na medida em que a aspiração da sociedade é que o Programa Nacional de Desestatização venha a se constituir, efetivamente, num instrumento de modernidade do País, e não uma simples transferência de propriedade estatal para privada, que desestruturaria um segmento industrial cujo papel é da máxima relevância para a retomada do crescimento econômico do País.